

De Costa Matos

A PRAIA

À intuição poética de Camilla Monteiro Carneiro

E como exorcizar o fatalismo
da decadência nos
 belos corpos litúrgicos das moças?
 E eles seriam vivas pedras de ara,
 e não simples ardis da natureza...

Para onde emigrará
a beleza dos corpos dourados,
aleluia das praias?
 Se o nosso olhar de amor reproduzir
 o instante,
 a areia,
 o mar,
 e o sol,

os belos corpos ficarão eternos
em alguma praia de nós mesmos,
mistério no nosso mistério.
Há certamente em nós alguns teares
para a tecelagem de eternidades.

LOUVAÇÃO A JOÃO DE PATMOS, EVANGELISTA

Ao mecenato de Newton Freitas

Os poetas sentem quando os poemas
pastam por perto:
range a grama nos dentes dos bezerros
diluídos na noite.
Os poetas conhecem a rota dos pensamentos
que vão remover a pedra
à boca da caverna das catástrofes.
Trazem no coração o medidor Geiger
dos níveis de explosão
das sociedades sem amor.
Vêm as cores das brisas
mendicantes de piedade para os pobres.
Dispensam o alto giro dos urubus
na localização das chacinas.

Escutam nas montanhas, o clamor
da vitória futura das planícies.
Rezam sob as bênçãos das Mãos
que acendem pirilampos nas várzeas.
Batem, com intimidade, a qualquer hora,
à porta dos mistérios.
Escoram com palavras brancas
a ira e a tisna dos Apocalipses.
Compõem as canções que as moças cantam
no dia ação-de-graças das colheitas.

Os poetas nada ensinam,
mas relembram:
Somos livros.
E basta saber ler o que já somos.

LOUVAÇÃO A JORGE LUÍS BORGES

A Antônio Colaço Martins

Há salvadores que não se sabem
 salvando o mundo.
Os que enviam sentimentos brancos
 rumo ao choro e ranger de dentes dos presídios.
Os que não pisam a formiga
 extraviada nas pedras da rua.
Os que fazem música
 no fumaceiro das discórdias do mundo.
Os que transmudam em hóstias
 as moedas depositadas nas mãos dos pobres.
Os que lêem os desejos das mulheres,
 mas renunciam às posses fechadas em si mesmas.
Os que não se apavoram com fantasmas,
 no labirinto de espelhos da solidão.
Os que têm a coragem
 dos adeuses necessários.
Os que não emprestam força
 à sedução das tragédias.
Os que acendem velas ingênuas
 ao Fabricante das estrelas.
Os que protegem as sementes,
 na crença dos retornos da vida.
Os salvadores pensam limpinho
 e estão caíando as chaminés da usina humana.

LOUVAÇÃO AOS ECOLOGISTAS

A Antero Coelho Neto

Naquele tempo,
disseram os homens descobridores da dança:
“Na percussão de nossos pés
reside a força dos terremotos.
Loucos deram uma dança à Natureza
e até abriram rugas no rosto de Deus.”
Mas há quem veja os dançarinos transparentes:
alegres, mas trágicos.
A dança (Carnaval ou não)
faz sempre vida à fantasia.
As crianças nunca dançam,
a menos que subornadas com aplausos:
A dança não é brinquedo.
Os cavalos amestrados de Síbaris
dançaram ao som das flautas inimigas,
mas expuseram os cavaleiros
aos golpes das tropas invasoras.
Os elefantes dançam no circo,
mas ao estalo dos chicotes da escravidão.
Zorba, o Grego, só dançou
para pisotear a angústia.
E inaugurou Nikos Kazantzákis na galeria dos
terapeutas.
Por isso, Dante Alighieri voltou ao frontispício do Inferno
e apagou a sentença já agora burlável:
“Lasciate ogni speranza, voi ch’entrate.”
Quando os homens harmonizarem os pés
com a dança branca das constelações,
os demônios como carcereiros
estarão desempregados.